

## BARBAS DE MOLHO

Na última edição da Agroanalysis tratei nesse espaço da quebra da produção do milho de segunda safra, da cana-de-açúcar, do café e da laranja como consequência da prolongada seca de março a junho deste ano. Mas nos últimos dias de junho e começo de julho aconteceu outro acidente climático, uma forte geada que afetou a produtividade do milho ainda em formação localizado sobretudo nos estados do Sul e mais MS, e dramaticamente os canaviais de todo o Centro-Sul do país. No caso do milho o efeito pode ser uma adicional redução de safra, a calcular.

Mas no caso da cana o dano será muito maior. Vai haver uma grande perda de produtividade e de qualidade para este ano e para os vindouros, dada a “queima” das canas plantadas no início de 2021 e das soqueiras já brotadas dos cortes realizados de abril até agora. Há grande apreensão em todo o setor, principalmente entre os fornecedores de cana para as unidades industriais. Foram ainda afetados os cafezais, as pastagens e boa parcela de hortifrutigranjeiros.

E este problema traz mais uma vez ao debate o seguro rural. Tivemos um bom Plano de Safra para 2021/22, especialmente considerando as dificuldades financeiras determinadas pela pandemia. O volume de recursos disponibilizados para o crédito rural aumentou apenas 6,3% em relação ao ano anterior, mas foram priorizados pontos importantes:

- os recursos para investimentos tiveram aumento de 29%. Claro, com mais 2 milhões de hectares a serem plantados com soja, a demanda por equipamentos e máquinas vai crescer, bem como para armazenagem.

- foram também disponibilizadas mais verbas para aspectos da maior importância no segmento sócio ambiental e de sustentabilidade. O Plano ABC, por exemplo, recebeu 106% mais crédito que no ano passado. A agricultura familiar (Pronaf) teve aumento de 29%, assim como o Pronamp, para os médios agricultores. E os Bancos Cooperativos receberam 114% a mais.

- tecnologia foi contemplada com o Inovagro e com mais recursos para irrigação. Muito bom. Afinal, é muito pouca área irrigada no Brasil: menos de 9% da total cultivada.

Os juros aumentaram um pouco, mas a inflação também cresceu, de modo que o produtor vai pagar um juro real razoável.

Foi um bom Plano, consideradas as circunstâncias.

Mas faltou mais dinheiro para o Seguro. A geada mostrou a importância de um Seguro Agrícola que cubra acidentes dessa envergadura, bem como variações de preços muito acentuadas. É assim em todos os países desenvolvidos, e aqui ainda se insiste em apostar em boas condições de clima e de mercado, assumindo riscos para o Tesouro em termos de renegociações de dívidas, um velho fantasma que o Seguro espantaria.

Esta foi uma pena, a Ministra Tereza Cristina lutou, mas não conseguiu mais recursos para essa rubrica. Mas quem sabe a área econômica do governo aprenda a lição.

E aos produtores rurais cabe uma grande preocupação quanto aos resultados da geada, e mais outra para o futuro: como estará o câmbio na colheita

de 2022? Tem gente apostando em algo entre 4,5 e 5 reais por dólar. Com o custo maior de insumos, isto pode gerar um descasamento complicado. Nada como seguir o velho conselho dos antigos agricultores: colocar as “barbas de molho”.

**\* Roberto Rodrigues - Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas e Titular da Cátedra de Agronegócios da USP.**